

## O LOGOS ESTÓICO E O LOGOS EM JUSTINO

*THE STOIC LOGOS AND THE LOGOS IN JUSTIN*

Jefferson Dionísio<sup>1</sup>

### RESUMO

Justino Romano foi o primeiro teólogo e o primeiro filósofo cristão. Buscou construir pontes entre o mundo pagão e a filosofia grega com o cristianismo nascente, fundamentando a doutrina da religião a partir da Filosofia e da cultura greco-romana. Entre as escolas filosóficas citadas por Justino em suas duas apologias e Diálogo com Trifão, encontra-se o estoicismo. Diversas ideias desta corrente se assemelham aos preceitos e à doutrina do cristianismo, como a concepção ético-moral, a busca da virtude e retidão, o *logos spermatikos*, a até a ideia de Deus. Contudo, o que mais aproxima Justino e o estoicismo em todas as suas fases é, indiscutivelmente, o λόγος. O *logos* é a principal base de todo o edifício argumentativo de Justino, e do qual se extraem as mais importantes ideias a nível filosófico do autor. De forma muito parecida ao estoicismo, que, em todos os seus períodos, estabelece suas discussões a partir e acerca do λόγος, e seus mais importantes aportes à filosofia são através deste conceito. Se pretende com esta investigação expor as semelhanças entre algumas das ideias estóicas e justinianas no que diz respeito ao *logos*, e demonstrar quão parecidas são entre o apologista cristão e a escola filosófica.

Palavras-chave: Justino. Estoicismo. *Logos*. Apologias. Patrística.

---

<sup>1</sup> Candidato a doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso — Chile, 2022. *E-mail*: jeffersons43@gmail.com. Aproveito esta oportunidade para expressar o meu grande agradecimento ao professor Cesar Lambert e à comunidade passionista de Viña del Mar por todo apoio.

## ABSTRACT

Justin Roman was the first theologian and the first Christian philosopher. He sought to build bridges between the pagan world and Greek philosophy with nascent Christianity, basing the doctrine of religion apart from philosophy and Greco-Roman culture. Among the philosophical schools cited by Justin in his two apologies and Dialogue with Trypho is Stoicism. Several ideas of this current are similar to the precepts and doctrine of Christianity, such as the ethical-moral conception, the search for virtue and righteousness, the *logos spermatikos*, and even the idea of God. However, what brings Justin closer to stoicism in all its phases is, undoubtedly, the *λόγος*. The *logos* is the main basis of Justin's entire argumentative edifice, and from which the most important ideas at the author's philosophical level are extracted. Much like Stoicism, which in all its periods establishes its discussions from and about *λόγος*, and its most important contributions to philosophy are through this concept. The aim of this investigation is to expose the similarities between some of the stoic and Justinian ideas regarding *logos*, and to demonstrate how similar they are between the Christian apologist and the philosophical school.

Keywords: Justin. Stoicism. *Logos*. Apologies. Patristic.

## INTRODUÇÃO

Nas Apologias de Justino Romano, encontra-se a ideia do *logos*: o conceito mais importante ao nível filosófico e o mais estudado no autor: A maior parte da literatura sobre Justino revisa este conceito avaliando sua importância filosófica e teológica. Justino escreve às autoridades do Império, por ocasião das perseguições contra os cristãos, à raiz de acusações caluniosas. O apologista denuncia a truculência e injustiça do Império no trato com os cristãos, pois eram torturados e condenados à morte inocentemente. Para defender a religião e seus adeptos, Justino fundamenta racionalmente a doutrina cristã recorrendo à filosofia grega, e o estoicismo está entre as correntes filosóficas citadas em seu texto. Deste modo, o objetivo do presente trabalho é observar as relações entre o *logos* em Justino e o *logos* no estoicismo. Nas Apologias, o estoicismo é referenciado por Justino e até comparado com o cristianismo. Existem vários pontos em que o pensamento do apologista e a filosofia da Stoá se encontram, dialogam e se relacionam intimamente. Tal relação se baseia no conceito de *logos*, comum a ambos: tanto os estóicos quanto o apologista têm o *logos* como eixo de todo o seu sistema filosófico, e ambos chegam a conclusões muito semelhantes em suas abordagens por causa deste. Por exemplo, a concepção ético-moral, o *logoi spermatikoi*, a ideia de ação correta e a concepção teológica se assemelham entre ambos, de modo que é possível traçar relações estreitas entre o conteúdo das Apologias de Justino e o estoicismo.

Este trabalho demonstra a relação entre as ideias do apologista e a escola filosófica. Mais especificamente no conceito de *logos* presente em ambos. Para que fique claro, pretende-se responder à seguinte questão: Quais são as semelhanças entre os *logos* estóicos e os *logos* de Justino? Demonstrando a existência dessa relação, pretendemos também expor: (1) A semelhança dos matizes que os dois conceitos possuem; (2) a filosofia do *logos* de Justino e (3) o esforço do pensador, a partir da filosofia e de ideias estóicas, para fundamentar o cristianismo. Para atingir os objetivos propostos, este trabalho está estruturado da seguinte forma: o capítulo segundo debate acerca do conceito de *logos spermatikos*; o capítulo terceiro observa a concepção moral estóica e justiniana; o capítulo quarto busca compreender as semelhanças e diferenças na concepção de Deus para Justino (*logos-Verbo*) e para os estóicos (*Logos-Deus*). Por fim, o último capítulo trata de expor as principais conclusões que a investigação logrou.

**Contextualização:** O estoicismo é uma escola filosófica que surgiu no Séc. IV a.C., fundada por Zenão de Cítio (333 a.C. – 264 a.C.). Costuma ser dividido pelos estudiosos em três períodos (REALE, 1990 p. 252): 1ª- Stoá Antiga (entre os séculos IV e III a.C.), com Zenão e Cleantus de Assos como principais representantes; 2ª- Stoá Média (entre os séculos II e I a.C.), e 3ª- A nova Stoá (ou Stoá Romana), Estoicismo no Império Romano, e que é justamente o estoicismo conhecido pelos apologistas cristãos. Poderíamos situar este período do estoicismo entre os séculos I e IV d.C. Dois de seus principais representantes são o imperador Marco Aurélio e Epicteto. Infelizmente, os documentos da primeira fase do estoicismo se perderam, o que dificulta a tarefa de delimitar o pensamento da primeira fase da Stoá (REALE, 1990 p. 252-254). Em geral, cada período do estoicismo se interessa por uma temática específica, de modo que o que caracteriza esta escola como um todo é o desenvolvimento da reflexão filosófica com o *logos* e a ataraxia como referência (QUIROZ PIZARRO, 2013). Justino é contemporâneo ao novo estoicismo (ou estoicismo romano), que se caracteriza pela tendência à reflexão ético-moral.

Justino Romano (100 d.C. – 165 d.C.) é um filósofo cristão do Séc. II. Escreveu diversas obras das quais somente três nos chegaram: as duas Apologias e o Diálogo com Trifão. Participou de várias escolas filosóficas até chegar ao platonismo, convertendo-se posteriormente ao cristianismo. A causa da perseguição promovida pelo Império, Justino escreve às autoridades da época com fim de defender o cristianismo e denunciar as práticas injustas exercidas contra os cristãos. Nas Apologias, demonstra a exemplaridade dos cristãos, que sempre agem de acordo com a razão (*logos*), pois Jesus, o *Logos* feito homem, ensinou seus seguidores, os cristãos, a fazê-lo. Além disto, Justino procura fundamentar racionalmente o cristianismo a partir da filosofia grega, e o estoicismo é uma das escolas filosóficas a que recorre alcançar este objetivo.

## 1 O LOGOS SPERMATIKOSE A SEMENTE DO LOGOS

Segundo Giovanni Reale, para os estóicos, o *logos* está em todas as coisas (REALE, 2012, p. 256-257). A natureza é regida pelo *logos*, pela razão: todos os seres do cosmos, animais, plantas, Homem e até a própria natureza, “permeiam-se” pelo

*logos*, e cumprem uma função específica no universo. Todos os seres e fenômenos da natureza acontecem “com razão”; concentram um motivo lógico para sua existência. Nada no universo é insignificante; tudo possui uma função específica e insubstituível: de uma simples pedra a um grande evento cósmico, todos compartilham o *logos* como elemento comum. O *logos* está em tudo; governa tudo e faz o universo funcionar com a mais perfeita harmonia.

Podemos entender esse conceito estoíco com um exemplo prático. Se olharmos em volta, perceberemos que tudo ao nosso redor se reserva a um fim: a cadeira em que estamos sentados, a mesa, o telefone que se nos está perto, a casa em que habitamos, as paredes, a xícara de café, o café... Tudo foi muito bem pensado e planejado para que estivesse exatamente como está agora, e para desempenhar a função que desempenha neste exato momento. Alguém pensou, planejou e fabricou os objetos que estão à nossa disposição neste instante. Tudo o que nos rodeia desempenha uma função, possui uma razão de existir (MARTÍNEZ, 1991, p. 101-102) e foi criado pelo *logos*, ou seja, neste caso, pela capacidade humana de raciocinar. Se prescindimos da capacidade humana de criar e dirigimos nossa investigação ao universo, concluiremos que tudo obedece a uma ordem perfeita. Esta ordem da qual nada escapa é explicada pelos estoícos a partir do conceito de *logos spermatikos*.

*El monismo de Estoá puede entenderse aún mejor si consideramos la doctrina de las llamadas “razones seminales”. El mundo y las cosas del mundo nacen como la única materia sustrato calificada, a través del logos immanente que, en sí mismo, es uno, pero capaz de diferenciarse en infinitas cosas. El logos es como el semen de todas las cosas, es como el semen que contiene muchos siemens (el logoi spermatokói) [...] (REALE, 1990, p. 257)<sup>2</sup>.*

Podemos entender a ideia do *logos espermátikos* através da seguinte metáfora: o *logos* é como uma semente que, ao ser semeada, dá origem a uma árvore da qual nascem o caule, a copa, as folhas e os frutos. Todas as partes da árvore se relacionam, e nada nela existiria, nem sequer a própria árvore, se não fosse pela

---

<sup>2</sup> “O monismo da Estoá pode ser compreendido ainda melhor se considerarmos a doutrina das chamadas ‘razões seminais’. O mundo e as coisas do mundo nascem como a única matéria substrato qualificada, através do *logos* imanente que, em si mesmo, é uno, mas capaz de se diferenciar em coisas infinitas. O *logos* é como o sêmen de todas as coisas, é como o sêmen que contém muitos siemens (o *logoi spermatokói*)” (tradução nossa).

semente. É como se essa semente estivesse em todas as partes da árvore, pois tudo o que a árvore possui tem àquela semente como progenitora (REALE, 1990). De este mesmo modo é com o universo; o *logos*, sendo um, está presente em todos os seres e fenômenos, e tudo o que existe participa do *logos*. Para os estóicos, o *logos* está em tudo.

Justino, por sua vez, elabora o conceito de *semente do Logos* (JUSTINO, 2018, p. 98, 127), que se assemelha à ideia estoica de *logos spermatikos*. Nesta investigação, quero propor a leitura deste conceito a partir de duas nuances: (1) A semente do *logos* como “*logos dispersos por toda a raça humana*”, e (2) sementes de *Logos* com a ideia de “*logos parcial*”, em oposição ao “*logos total*”. Aprofundaremos em ambas ideias.

Para Justino, todos os seres humanos possuem o *logos*, a faculdade de raciocinar: esta é a principal característica da natureza humana (JUSTINO, 2018, p. 112, 117). Existe uma certa tendência a interpretar que o ser humano em Justino possui algo como “*sementes de razão*”, algo como uma “pequena centelha de racionalidade que lhe permite agir bem”, e esta não é exatamente a ideia do pensador. Como os estóicos, Justino afirma que todos os seres humanos dispõem da razão, ou seja, da capacidade de raciocinar, e agem com excelência ao proceder de acordo com esta faculdade. A ideia de Justino de sementes do *Logos* se expressa melhor se entendida como “*sementes de Jesus Cristo*”, ou “*sementes da verdade*”. Jesus é o *logos*, a palavra de Deus. Palavra que criou tudo o que existe e que se manifestou entre os profetas do Antigo Testamento. Os cristãos são aqueles que seguem os ensinamentos do *Logos*, e que acedem à plena contemplação deste *Logos* de Deus.

Os cristãos se caracterizam pelo seu comportamento exemplar, produto da estrita obediência aos ensinamentos de Jesus. Além disso, alcançarão o reino de Deus, prometido por Cristo, graças à perseverança nessa obediência (JUSTINO, 2018, p. 81). Contudo, a salvação não é exclusiva aos cristãos, mas sim a todo aquele que age de acordo com os ensinamentos de Jesus, ainda que não professe a religião cristã. A pergunta que poderia ser feita a Justino é: como alguém pode saber se está agindo de acordo com as virtudes cristãs se não as conhece? O que se pode dizer daqueles que viveram milhares de anos antes do nascimento de Cristo? Justino responde com seu engenhoso conceito de sementes do *Logos* e de cristãos antes de Cristo.

Alguns, sem motivo, para rejeitar o nosso ensinamento, poderiam nos objetar que, ao dizermos que Cristo nasceu somente há cento e cinquenta anos sob Quirino e ensinou sua doutrina mais tarde, no tempo de Pôncio Pilatos, os homens que o precederam não têm nenhuma responsabilidade. Tratemos de resolver essa dificuldade. Nós recebemos o ensinamento de que Cristo é o primogênito de Deus e indicamos antes que ele é o Verbo, do qual todo o gênero humano participou. Portanto, aqueles que viveram conforme o Verbo são cristãos, quando foram considerados ateus, como sucedeu entre os gregos com Sócrates, Heráclito e outros semelhantes; e entre os bárbaros com Abraão, Ananias, Azarias e Misael, e muitos outros, cujos fatos e nomes omitimos agora, pois seria longo enumerar. De modo que também os que antes viveram sem razão, se tornaram inúteis e inimigos de Cristo e assassinos daqueles que vivem com razão; mas os que viveram e continuam vivendo de acordo com ela, são cristãos e não experimentam medo ou perturbação (JUSTINO, 1995, p. 34).

Deus incutiu no ser humano as sementes do *logos*, ou seja; todos contam com uma “noção” dos mandamentos de Cristo, o *Logos* de Deus. Todos os homens, a causa desta noção inata em sua natureza, podem proceder de acordo com os preceitos cristãos. A principal característica do agir em concordância com o cristianismo é a constante submissão de todos os atos à aprovação da razão, já que para Justino, tudo o que o *Logos* de Deus ensinou consiste ao mais perfeito uso das faculdades intelectuais humanas. Portanto, há cristãos “que não conhecem a Cristo” e até “cristãos antes de Cristo”, que foram aqueles que agiram eticamente bem, de acordo com a reta razão antes da manifestação do *Logos* de Deus (JUSTINO, 2018, p. 117).

A partir deste ponto, discutiremos as duas nuances do conceito de sementes do *Logos* já indicadas, começando pela primeira: a semente do *logos* como “*logos dispersos por toda a raça humana*”. Nesta, entende-se que Deus dá ao ser humano uma noção de Cristo e do cristianismo, como se fosse uma semente. Por causa disto, reincidem costumes que se equalizam com cristianismo entre todas as culturas (JUSTINO, 2018, p. 117). Ideias como respeito, rejeição à injustiça e violência, empatia, e os valores de honestidade, castidade, humildade etc... estão presentes de alguma forma em todas as nações porque pertencem e provêm do *Logos* de

Deus. Semelhantemente a Justino, os estóicos argumentam que o *logos* está em todas as coisas, ordenando-as e permitindo que sejam tal como o *logos* deseja. Em Justino, a presença do *logos* em todos os seres humanos permite, por um lado, o agir em consonância com o cristianismo, e, por outro, principalmente, o uso da razão da maneira mais excelente. Assim, para os estóicos, a semente do *logos* ordena todas as coisas para que funcionem da melhor maneira possível e, para Justino, de forma quase idêntica, as sementes do *Logos* permitem que o Homem atue da melhor maneira possível (JUSTINO, 2018, p. 117).

*Sin embargo, este logos spermatikós debe comprenderse en el contexto de la física estoica materialista: el mundo todo no tiene más que cuerpos y dado que todo es materia, todo en el mundo constituye una unidad. Todo está en todo en armonía universal, así, el mismo logos humano no es sino un fragmento de la razón cósmica. Coherente con este materialismo, el estoicismo resalta la doctrina sobre las “nociones comunes”, que Crisipo sistematizó en la Stoá antigua y que, nuevamente, ejercerá una notable influencia en Tertuliano, a través de Séneca [...] (VÁZQUES, 1984, p. 86)<sup>3</sup>.*

Havendo finalizado a discussão da primeira nuance, passemos à segunda: sementes do *Logos* com a ideia de “*logos* parcial”, em oposição ao “*logos total*”. Para Justino, os cristãos contemplam plenamente o *Logos*, e aqueles que não o conhecem, ainda que possam ser “cristãos sem Cristo” ou até mesmo “antes de Cristo”, de acordo com a mesma classificação do autor, apenas logram agir cristianamente de uma forma parcial e imperfeita, justamente porque não contemplam o *Logos* em sua plenitude, mas apenas suas “sementes”, ou seja, uma pequena porção dele. Por exemplo, tudo o que os filósofos propuseram e que se aproxima aos ensinamentos do cristianismo, se deve à presença da semente do *Logos* neles, mas, por não possuírem o *Logos* de modo completo, concluíam muitos equívocos e distanciamentos do que ensina a religião cristã, misturando assim verdades com erros.

---

<sup>3</sup> “No entanto, este *logos spermatikos* deve ser entendido no contexto da física materialista estóica: o mundo inteiro não tem nada além de corpos e como tudo é matéria, tudo no mundo constitui uma unidade. Tudo está em tudo em harmonia universal, assim, o próprio *logos* humano nada mais é que um fragmento da razão cósmica. Coerente com esse materialismo, o estoicismo enfatiza a doutrina das ‘noções comuns’, que Crisipo sistematizou na antiga Stoá e que, novamente, exercerá notável influência sobre Tertuliano, através de Séneca” (tradução nossa).

Em geral, tudo o que os filósofos e poetas disseram sobre a imortalidade da alma e da contemplação das coisas celestes, aproveitaram-se dos profetas, não só para poder entender, mas também para expressar isso. Daí que parece haver em todos algo como germes de verdade. Todavia, demonstra-se que não o entenderam exatamente, pelo fato de que se contradizem uns aos outros (JUSTINO, 1995, p. 33).

Dessa forma, a semente do *logos* é uma contemplação parcial da verdade, que permite a visualização incompleta do que corresponde ao viver e agir retamente que, por sua vez, está em estreita relação com os ensinamentos do Verbo de Deus. Para os estóicos, todo ser humano possui o *logos*, e só faz aquilo que o *logos* ordena; contudo, o ser humano pode, por livre-arbítrio, agir contra a razão ou até mesmo irracionalmente (JUSTINO, 2018, p. 93). Tanto para Justino quanto para o estoicismo, o *logos* é o princípio do bom e correto atuar, e é necessário ajustar as decisões e as faculdades intelectuais ao *logos* para que resultem efetivamente frutuosas.

## 2 A CONCEPÇÃO ÉTICA A PARTIR DO *LOGOS*

O conceito de sementes do *Logos* também tem uma conotação ético-moral em Justino, no sentido de ser a raiz da ação boa (GARCÍA-BORRÓ, 1964, p. 55-57; JUSTINO, 2018, p. 112, 113). A semente do *Logos* presente em todo o gênero humano, além de ser o caminho pelo qual se encontra a verdade, é também o princípio das ações boas e virtuosas. Para Justino, os cristãos buscam o bom comportamento moral baseando-se nos valores de justiça, fraternidade e paz; procuram viver virtuosamente sendo verdadeiros exemplos aos demais. É verdade que não apenas os cristãos vivem de acordo com esses ideais, mas muitas pessoas, em diferentes culturas, também os buscam, mesmo sem conhecer a mensagem do Evangelho. Isto acontece por causa da semente do *Logos* inata na natureza humana. O florescimento de coisas boas, valorosas, corretas e belas entre diferentes nações e culturas, têm unicamente o *Logos* como causa (JUSTINO, 2018, p. 72-73).

Para os estóicos, a ideia é quase a mesma: todos os seres do universo possuem o *logos* e são governados por ele. Além disso, todos têm sua razão de existir no grande mecanismo da natureza (REALE, 2003, p. 286); o ser humano se distingue de

todos os outros seres a causa da sua capacidade de raciocinar. Os estóicos entendem que os seres da natureza cumprem a função que lhes é atribuída quando agem de acordo com seu propósito. Uma planta, por exemplo, cumpre bem sua função quando nasce e se comporta de acordo com a sua espécie; o mesmo vale para um animal. Neste contexto está o ser humano com a sua racionalidade, característica que lhe confere uma singularidade muito peculiar: a opção de poder escolher agir racionalmente, ou seja, de acordo com sua natureza, ou não. Partindo do princípio de que todos os seres cumprem uma função, e a característica distintiva do Homem é a razão, ao agir racionalmente, o Homem está exercendo plenamente sua natureza, cumprindo a função que lhe foi atribuída (MARTÍNEZ, 1991, p. 101-102). Em termos gerais, a virtude, a prudência e a retidão são exemplos do bom uso da razão, e a rejeição aos prazeres e vícios sensíveis também. Portanto, assim como Justino, os estóicos entendem que todo ser humano possui o *logos*, a razão, e que agir racionalmente é a coisa mais excelente que o Homem pode fazer (MARTÍNEZ, 1991, p.110).

Justino conclui o mesmo que o estoicismo: a principal característica do ser humano é a razão, e os atos racionais conduzem à virtude, paciência, justiça, prudência e temperança. Os vícios, exemplos da ausência da razão, distanciam o Homem do comportamento acorde com o *logos*, e exemplos deles são: ódio, vingança, dissolução, injustiça etc. Semelhante ao estoicismo, Justino entende que os homens alcançam a felicidade quando agem de acordo com sua natureza, e a natureza do Homem é agir racionalmente (JUSTINO, 2018, p. 72-73). Ao contrário da crença popular, agir de acordo com a natureza não significa atuar instintivamente, tal como os animais. Não se trata de recorrer à violência ou à aniquilação do inimigo, comparando o ser humano com animais irracionais, nos quais o instinto de sobrevivência está acima de qualquer regra moral. Para Justino e para os estóicos, o Homem age de acordo com sua natureza quando submete suas ações ao *logos*, à racionalidade, fazendo tão somente o que a razão lhe consentir (JUSTINO, 2018, p. 61).

## 2.1 AS CONCEPÇÕES MORAIS DO ESTOICISMO E DE JUSTINO

Para Justino, os cristãos são cidadãos exemplares, pois cumprem com tudo o que lhes corresponde no que diz respeito às obrigações do Estado. Justino entende

que este é o modelo pelo qual todos deveriam orientar-se, já que é indiscutivelmente bom que as pessoas busquem a justiça e o respeito; que rejeitem a violência e que estejam comprometidas com uma sociedade igualitária, baseada em leis justas e onde as autoridades efetivamente se preocupam com o bem comum. Se todos submetessem suas ações ao *logos*, a sociedade/ país seria um lugar onde reinariam a paz, a harmonia e a estabilidade. Na concepção de moralidade social de Justino, todos os cidadãos de um país devem fazer o que lhes corresponde como cidadãos, contribuindo com o trabalho dos governantes e a estabilidade e unidade do país. Se há injustiças ou instituições que não funcionam bem no Estado, a razão pede que isso seja denunciado e, por meio do acordo e do diálogo, resolvido. Cabe às autoridades governar com justiça e respeito, e não com crueldade ou racismo: isto significa governar de acordo com o *logos*.

Com efeito, todo homem sensato manifestará que a melhor exigência, ou ainda mais, que a única exigência justa é que os súditos possam apresentar uma vida e um pensar irrepreensíveis e que, por outro lado, igualmente os mandantes dêem sua sentença não levados pela violência e tirania, mas segundo a piedade e a filosofia. Só assim governantes e governados podem gozar de felicidade. (JUSTINO, 1995, p. 15).

Similar a Justino, os estóicos entendem que tudo no cosmos conserva um motivo, uma razão de existir. O *logos* reservou uma função para todos os seres, inclusive ao ser humano, de modo que este deve executar bem a função que lhe foi atribuída. Portanto, se o *logos* comissionou alguém a ser imperador, esse deve exercer o seu governo da melhor maneira possível; se determinou outro para ser trabalhador, então este deve ser um bom profissional (REALE, 2003, p. 295-296). Os estóicos entendem que todos devem aceitar o que lhe foi reservado pelo *logos*, e nunca reclamar ou rechaçar o seu destino, mas ao contrário, aceitá-lo e viver da melhor maneira possível com ele. Assim como Justino, os estóicos entendem que uma sociedade funciona bem quando todos fazem aquilo que lhe corresponde, porque é isto que o *logos* espera: que cada um faça o que o *logos* se lhe exija, para lograr a harmonia do todo o cosmos (MARTÍNEZ, 1991, p. 99-100).

### 3. CRISTIANISMO E ESTOICISMO

Nesta última seção, observaremos as semelhanças entre o cristianismo de Justino e a filosofia estoíca. De acordo com Justino, o cristão acredita e vive conforme o *Logos* (JUSTINO, 2018, p. 6; 72-73). Busca constantemente a paz, a justiça e a fraternidade; trabalha pela unidade e pelo desenvolvimento do seu país; cumpre as suas obrigações de cidadão e anseia constantemente pelas mudanças que o seu país necessita, tendo em vista o bem comum (JUSTINO, 2018, p. 62). O cristão é uma pessoa que consulta suas ações ao *logos*, à razão, e sempre procura fazer coisas retas, honrosas e virtuosas. O cristão não é ignorante dos fatos e problemas do mundo, mas ao contrário os conhece, e busca solucioná-los à luz do *Logos* (JUSTINO, 2018, p. 63, 72-73).

O estoíco, por sua vez, é uma pessoa que, exatamente como os cristãos, procura viver de acordo com o *logos*: todas as suas ações são mediadas por sua capacidade de refletir e raciocinar, por isso, estão completamente longe da dissolução, depravação, vício e prazeres sensíveis. O estoíco não é blasfemo; ao contrário, busca a virtude como um cristão religioso, e acredita, como eles, que Deus ordena tudo o que existe no mundo (REALE, 2003, p. 283). O estoíco não se opõe ao Estado; ao contrário, cumpre todos os seus deveres, pois entende que todos são responsáveis pela harmonia e bom funcionamento da sociedade/nação (REALE, 2003, p. 283).

#### 3.1 JESUS CRISTO, DEUS E O *LOGOS*

Para Justino, Jesus Cristo é o *Logos* de Deus, a palavra de Deus criadora do mundo, tal como está escrito no relato da criação do Gênesis. O *Logos* de Deus se manifestou no Antigo Testamento através dos profetas e, na plenitude dos tempos, se encarnou em Cristo, filho de Deus, que por sua vez deu início à religião cristã.

Por isso, também nós somos chamados de ateus; e, tratando-se desses supostos deuses, confessamos ser ateus. Não, porém, do Deus verdadeiríssimo, pai da justiça, do bom senso e das outras virtudes, no qual não há mistura de maldade. A ele e ao Filho, que dele veio e nos ensinou tudo isso, ao exército dos outros anjos bons, que o seguem e lhe são semelhantes, e ao Espírito profético, nós cultuamos e adoramos, honrando-os com razão e verdade, e ensinando generosamente, a quem deseja sabê-lo a mesma coisa que aprendemos (JUSTINO, 1995, p. 16-17).

Justino sabe que λόγος é um termo polissêmico, e que (ao mesmo tempo) é o que melhor expressa suas ideias<sup>4</sup>. Jesus é o *logos* de Deus, a palavra de Deus: quem vive segundo o *Logos*, ou seja, segundo a palavra de Deus, é “racional”, age sempre da melhor forma possível, e segue o caminho de Jesus-*Logos*. Mas, como nem todos conheceram ou conhecem a Jesus, Deus implantou uma semente do *Logos* em todo o gênero humano; algo como uma pequena contemplação de Jesus e de sua doutrina, que lhes permite a todos os homens contemplar e fazer o que o *Logos* ensinou (JUSTINO, 2018, p. 98, 127-128). De entre os muitos significados que o termo grego λόγος possui, Justino toma (principalmente) os significados de “palavra” e “razão”.

Na investigação para a elaboração deste trabalho, não encontrei na bibliografia consultada sobre o estoicismo uma característica do *logos* que se assemelhasse ao Cristo de Justino. Mas podemos entender que a concepção justiniana de Deus, por um lado, e o *logos* estoíco, por outro, encontram pontos de contato. Deus, para Justino, é o governante de todo o cosmos; aquele que o criou e que o sustenta. Nada acontece sem sua permissão, pois governa todo o universo com perfeição. Tudo ocorre sob o governo e o olhar atento de Deus (JUSTINO, 2018, p. 61, 69). O estoicismo por outro lado, entende que o *logos* governa tudo e está em tudo. Por esta razão, os estoícos identificam o *logos* com Deus. Como os cristãos, os estoícos acreditam que tudo acontece sob o domínio do *logos*, e que nada é aleatório: o *logos*-Deus mantém a harmonia do universo. Concepção muito próxima ao cristianismo.

*Los Estoicos, además, no hesitaron en afirmar que esta razón (logos) es inherente al mundo, por el hecho de que ella efectivamente atiende a las funciones de Dios. Por un lado, le da forma a las cosas; por otro, las mueve y las dispone racionalmente. De este modo, ellos formularon la primera concepción explícita y sistemática de panteísmo, o sea, doctrina que identifica el cosmos con Dios (REALE, 2003, p. 283).<sup>5</sup>*

Existem semelhanças e diferenças entre as concepções estoíca e cristã de Deus. No estoicismo há uma tendência ao panteísmo, pois o *logos*-Deus está em todas as coisas, em todas as partes e em todos os fenômenos, ao contrário do cristianismo, no

---

<sup>4</sup> Sobre a tradução de λόγος para latinos, ver: MARTÍNEZ, 1991 (p. 111).

<sup>5</sup> “Os estoícos, aliás, não hesitaram em afirmar que essa razão (*logos*) é inerente ao mundo, pelo fato de atender efetivamente às funções de Deus. Por um lado, molda as coisas; por outro, move-os e organiza-os racionalmente. Dessa forma, formularam a primeira concepção explícita e sistemática do panteísmo, ou seja, uma doutrina que identifica o cosmos com Deus” (tradução nossa).

qual Deus é um só, e a partir de sua unidade governa todo o universo com seu poder. Para o estoicismo, o *logos* também é um só, a diferença é que, a partir de sua unidade, estende-se a todo o universo e rege todos os acontecimentos de forma imanente: o *logos* está presente na natureza, animando-a. Aqui se pode notar o contraste com o cristianismo, em que Deus está no *céu*, em seu reino, e embora seja onipresente, não age desde *dentro* das entidades, mas desde “fora” delas (JUSTINO, 2018, p. 122).

## CONCLUSÃO

Nesta investigação, vimos os pontos de contato entre o *logos* de Justino, conceito central de suas Apologias, e o *logos* estóico. Vimos as semelhanças e as relações que podem ser traçadas entre os dois conceitos e, além disso, apontamos a proximidade entre o pensamento do autor cristão e o da escola filosófica. Utilizamos as principais ideias de Justino com base em seu conceito de *logos*. Entre as ideias estudadas em Justino, estão: as sementes do *logos*; os cristãos antes de Cristo, as ideias ético-morais e a concepção de Deus. Vimos como esses conceitos se assemelham aos conceitos estóicos e como Justino também aponta para os pontos de contato entre o cristianismo e o estoicismo. Por fim, demonstramos como o *logos* de Justino se aproxima conceitualmente do *logos* estóico.

Estudamos as semelhanças entre as sementes do *Logos* de Justino e o *logos spermatikos* estóico. Justino afirma que Deus instilou em todo o gênero humano uma contemplação parcial de Jesus Cristo, o *Logos* de Deus, por isso, entre as várias culturas, os homens tendem a aproximar-se, mesmo sem conhecer, à doutrina cristã. Ideia que surge de forma semelhante no estoicismo, que postula a presença do *logos* em todas as coisas, inclusive no Homem, fazendo-o agir bem e virtuosamente, independentemente de sua nacionalidade. Em relação ao campo ético-moral, para o estoicismo e para Justino, o *logos* é o caminho da ação correta, e agir de acordo com o *logos* é conduzir-se à felicidade pela virtude. Ambos entendem que o Homem deve fazer um esforço para se distanciar dos prazeres sensíveis e da dissolução, pois o apartam do pleno uso da razão. Justino, do seu ponto de vista cristão, entende que viver racionalmente é viver segundo os ensinamentos de Jesus; os estóicos entendem que viver virtuosamente é a melhor coisa que o Homem pode fazer, pois lhe permite agir de acordo com sua natureza, que é a razão .

Finalmente, a obra de Justino mostra uma profunda dedicação e esforço não só à defesa do cristianismo perante as autoridades romanas da época, mas também à fundamentação do cristianismo de forma rigorosa, séria e estruturada. Se pode observar não apenas as semelhanças entre o cristianismo de Justino e a Stoá, mas também o diálogo que o autor estabelece entre a filosofia grega e a doutrina de Cristo. O esforço de Justino o coloca na história do cristianismo como o primeiro grande apologista e na história da filosofia como o primeiro filósofo cristão.

## REFERÊNCIAS

GARCÍA-BORRÓN, J. C. Los estoicos y Platón, en la obra de los apologetas del s. II. **CONVIVIUM: Revista de Filosofía**, Barcelona, n. 17-18, p. 49-62, 1964.

MARTINEZ, J. A. Lógos estoico y Verbum cristiano (Apuntes para una historia de la razón). **Logos: Anales del Seminario de Metafísica**, n. 25, p. 95-117, jan. 1991. Lógos estoico y Verbum cristiano (Apuntes para una historia de la razón). Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2043081>. Acesso em: 30 jun. 2022.

PIZARRO, R. Q. En el Caminar de los Estoicos. **Byzantion Nea Hellás**, Santiago, n. 32, p. 125-144, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3638/363844197006.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022.

REALE, G. **História da Filosofia**. Tradução: I. Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003. (Trabalho original publicado em 1997).

ROMA, Justino de. **I e II apologias**: diálogo com Trifão. Tradução: I. Storniolo. São Paulo: Paulus, 1995.

ROPERO, Afonso. **Obras escogidas de Justino Mártir**: Apologías y su Diálogo con el judío Trifón. Barcelona: Editorial Clie, 2018.

VÁZQUES, R. Génesis del **logos** en Séneca, Filón, Justino y Tertuliano. **Estudios**, Distrito Federal, México, n. 1, p. 83-100, out. 1984. Disponível em: <https://biblioteca.itam.mx/estudios/001/000169470.pdf>. Acesso em: maio 2022.